

Uma incomodidade deliberada

Toda a homenagem — penso eu — é um pretexto de meditação. Para lá do cumprimento cordial, do louvor justificado ou das evocações necessárias, abre-se um extenso território de passado significativo (isto é, de futuro) que tem os seus meridianos exemplares: as linhas tipicamente individuais que demarcam uma personalidade intelectual no seu compromisso com o tempo.

Essas linhas de apreciação são várias, e tantas mais quanto maior for o impacto criador de um artista, quanto mais profunda se representar a sua observação, quanto maior, em suma, for o seu inconformismo com as aparências da realidade. De resto, é da pluralidade dessas linhas, e como resultante desse todo, que se promove o levantamento do exacto perfil do cidadão que procurou viver a Pátria em termos de Arte e de Pensamento.

No *Capítulo Redol*, a Crítica e a História Literária fixaram alguns meridianos indispensáveis a uma sistematização. Simultaneamente descobriram-lhe ainda outros de carácter estritamente individual que, por proporem novas singularidades da realidade portuguesa, se revelam igualmente importantes para o estudo não só do escritor como dos caminhos contemporâneos da nossa Literatura. A circunstância de ter sido ele o primeiro português a publicar um romance neo-realista (Gaibéus, 1939) tomar-se-á como uma dessas balizas orientadoras mas não mais representativa, por exemplo, do que o retorno à lição de Garrett que se descobre em Alves Redol no que respeita à exploração das tradições e às pesquisas do folclore nacional (com os riscos que o colorido do folclore comporta, pois então; e a que Garrett também não foi alheio...) no objectivo determinado de uma renovação de linguagem.

Podia lembrar aqui muitos outros ângulos de incidência latentes na

larga e variada produção do romancista, como o *porquê* da estrutura cinematográfica de certas novelas; como o enfocamento *deliberadamente* social dos seus primeiros livros e a superação maturada dessas mesmas coordenadas basilares nos últimos; como a própria necessidade de abranger uma vastíssima gama de temas e de expressões que vão desde a monografia à reportagem, à novelística, ao teatro, e à investigação histórico-literária. Isto, desdobrando-se por cenários nacionais tão diversos que se estendem dos mouchões do Tejo aos vinhedos do Douro; que vão da Lisboa dos *outsiders* e dos refugiados à Luanda dos colonos da ante-guerra; que reflectem tão estremeidamente o sonho e a desventura duma ceifeira da Borda d'Água como o pavor e a glória dum pescador da Nazaré.

Uma tal inquietação que significa? Que representa este incessante alargar de vistas por uma Pátria tão carregada de tonalidades dramáticas que a cada canto oferece um cenário de epopeia? Que compromisso vem daí para uma geração que nesse momento constrói a sua voz poética sob o signo da *Incomodidade* (J. Namorado) quotidiana? E mais: em que medida o itinerário tão impetuoso do romancista Alves Redol não resulta das possibilidades de interpretação que oferece a teoria de um Movimento de que ele próprio foi o pioneiro e que, pela abundância de temas e de expressões, se iria demonstrar como um dos mais amplos e decisivos da Literatura portuguesa?

Estes são aspectos que interessam sobretudo aos especialistas — meridianos, afinal, da Estética que definem uma presença de escritor. Mas para mim, nestes minutos de gratidão pública a um companheiro que até agora gastou metade da vida, dos seus anseios e da sua *incomodidade* voluntária, no duro e feliz ofício de escrever — para mim, o que me ocorre é bem mais simples e resulta duma experiência pessoal, dum convívio. Uma revisão, digamos, das questões teóricas, das afectividades electivas, e também das buscas, discordâncias e reencontros que são o processo das camaradagens exigentes e interessadas. E, por mais que se diga, se um escritor fala de outro em termos de amizade é sempre o respeito e a admiração que se encontram em jogo — no meu caso, a consciência de ter recebido, ao longo de 15 anos de convivência quase quotidiana, uma exemplar demonstração de coerência.

Eu sei que a intimidade é um terreno muitas vezes propício a perspectivas reduzidas na avaliação dos homens de grande estatura. Um vício que mina os pequenos cépticos e os instalados de aldeia e que leva às chamadas recuperações *post mortem* reivindicadas precisamente por aqueles que, em

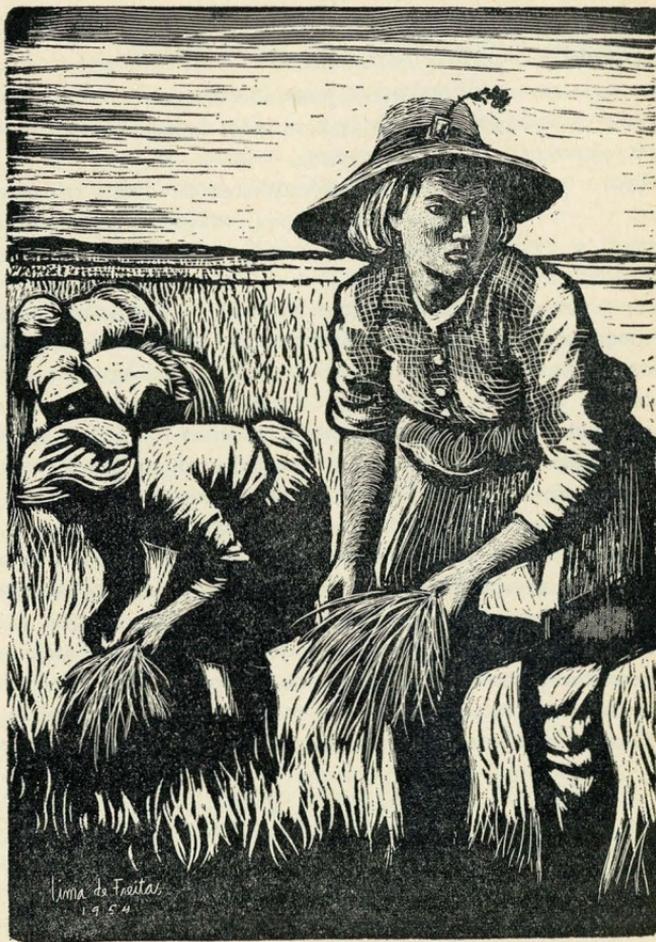


ILUSTRAÇÃO DE
LIMA DE FREITAS
PARA «OLHOS DE
ÁGUA»

vida do herói que a História lhes impôs, mais desdenhosa e sobranceiramente o trataram.

Ainda há pouco um jornalista ribatejano, ao criticar o dramaturgo Bernardo Santareno, garantia que ele não tinha penetrado na «alma ribatejana, orgulhosa, nobre e independente», — generalização sem sentido que,

com a vossa licença, pode aplicar-se a todos os povos e a nenhum. E o articulista justificava por $a+b$, nestes termos:

- 1.º — O Ribatejano não emigra.
- 2.º — O Ribatejano não amaria nunca a mulher duma classe mais elevada.
- 3.º — As pobres mulheres de quem os patrões «abusam» (*abusam* entre aspas) têm sido e continuam a sê-lo a causa da loucura mansa de centenas de esposas traídas e abandonadas.

Perante este «Esquema Natural do Exemplar Ribatejano», Alves Redol, moço vilafranquense que viveu a sua experiência de emigrante e, como ele, as centenas e centenas de filhos da Borda d'Água espalhados por esse mundo teriam renegado o seu foro de naturalidade. E, o que é mais grave, grande parte das servidões sentimentais descritas em *Olhos de Água* ou em *Barranco de Cegos* correspondem a um condado mítico que o romancista criou para seu deleite de imaginação e respeito de todos nós.

A verdade, porém, é que o Real tem dois pólos antagónicos: o que comporta uma afirmação de futuro e o que delira com o retorno ao passado; um que revela interpretação dinâmica e sentido humanista, o outro que se aposta numa estabilização abstracta e aparente que vai bem com o slogan fácil e cosmopolita de «Sevilha do Ribatejo». Internacionalmente, do primeiro resultou o prestígio de um dos nossos maiores escritores; do segundo, que eu saiba, resultaram dois minutos de sátira no conhecido filme *O mundo Cão*. Nos tempos que correm a *Pax Ruris* sofre destas desconsiderações...

Claro, o escritor é um animal incómodo. Incómodo pela sua ânsia de progresso e de felicidade na terra, incómodo para consigo próprio pela constante de duvidar e se interrogar, a si e ao mundo que o rodeia. Muito do que lucrei de Alves Redol vem desse diálogo interior e de como um tal debate conduz a uma angústia salutar se for vencida com pertinácia e entusiasmo sincero. De como esse estado de alma em face das contrariedades de vária ordem, deve ser entendido como uma crise, um impulso para se alcançar, escrevendo, a compensação de uns momentos de paz e de alegria. Muito do que retirei do contacto com ele vem, enfim, duma juventude, dum desejo de renovar-se de livro para livro que está bem à vista nas transformações (até formais) que se processam pelo desenrolar da sua carreira.

Quando em 1950 publiquei o meu primeiro livro, já Redol, Manuel da

Fonseca e Carlos de Oliveira, (para falar dos romancistas que mais me tocaram) tinham descoberto horizontes novos na Literatura portuguesa, enriquecendo-a com exemplos seguros e indiscutivelmente diferenciados na sua expressão artística; já Mário Dionísio, com lucidez e verdadeiro poder criador, exercia uma actividade crítica que se tornaria imprescindível à teorização do Movimento neo-realista em curso e que, além disso, o prepararia para o lugar de ensaísta que hoje lhe é reconhecido.

Cabe agora perguntar se da revelação desse novo romance e dessa nova corrente não viriam a beneficiar até os escritores das outras tendências. E eu penso que sim. Que beneficiaram esses e mais ainda, como é natural, os jovens da minha geração. A crítica aprofundou-se, o debate estimulou as imaginações. Os defeitos das primeiras experiências foram a lição prática que recebemos todos nós, os que viemos depois.

E é aqui que Alves Redol se me impõe pessoalmente com a sua primeira e surpreendente revelação: a dum escritor que se analisa e se sonda. Agrada-me falar particularmente disto, hoje que tenho das exposições fáceis de Cultura uma apreciação fundamentada. Na verdade, em resposta à toada filosofante da retórica aristotélica, a expressão directa dos novos escritores de então poderia afigurar-se como sinal de pobreza. O contacto pessoal com Redol provou-me que, pelo contrário, o seu silêncio modesto na controvérsia pública das questões teóricas ocultava uma informação actualizada e segura. A evolução do seu estilo de homem está documentada na evolução do seu estilo de ficcionista que culmina nesse poderoso livro que é *Barranco de Cegos* — para mim, um dos três maiores romances deste meio século português. E não-de concordar que é verdadeiramente grato assinalar um acontecimento desta importância na presença do seu próprio autor e quando ainda ele, em ponto tão alto à escala do país, tem diante de si anos, experiência e dúvidas, para nos legar novas demonstrações do seu talento.

«Escrevo com a primavera» disse-me ele a rir certo dia em que o fui encontrar à secretária rodeado de papéis. E apontou para um gráfico de trabalho afixado na parede com o movimento dos personagens: «Só tenho paciência para me entender com esta tropa quando não sinto o frio lá fora nem a chuva a apoquentar-me».

Escrevo com a primavera é uma nota que ultrapassa o pitoresco. Este romancista de fôlego largo e de grandes panorâmicas tem a sua lenda contraditória. Ele, para quem a arte é uma visão individual do colectivo e a política uma interpretação colectiva do indivíduo, aparece, aos seus detracto-

res e ao público menos atento, como um narrador de coordenadas obedientes. Ele que tem o traço duro dos camponeses e dos ferreiros a condizer com a imagem de «um operário esforçado da literatura» (como não raras vezes ouvi) é, pelo contrário, um homem de voos do acaso, um contador de histórias do nosso tempo que tem as suas *primaveras*, (ou seja: os seus *períodos propícios*, como dizem os astrólogos) para se manter à banca e conviver com o papel.

Falei há pouco em juventude. Mas sinto que devo ir mais longe, até para assinalar um lado menos público dessa qualidade. Refiro-me à projecção pessoal dum artista na assembleia dos seus irmãos de profissão.

Porque, na realidade, é *também ali*, é mesmo muito ali, que o seu autêntico prestígio se põe à prova antes ainda de ter sido certificado pelo julgamento dos leitores. Na verdade, um romancista não é apenas romancista quando escreve. Ou de outra maneira, se quiserem: um romance não se escreve apenas à secretária. A formação de qualquer escritor faz-se também no estudo vivo dos problemas que envolvem o destino comum dos escritores. É nisso também que reside uma das linhas de força mais audazes de Alvez Redol: no decorrer de todos estes anos não se alhear de uma tentativa literária que lhe fosse proposta, dum empreendimento mais ousado, dum gesto de reivindicação. Sem cultivar paternalmente a rebelião dos jovens, jamais se contentou em assistir de palanque ao desfile da gente moça e, tanto quanto eu sei, tem sido pela sua mão que alguns dos nossos escritores tomaram lugar na cidade literária. Um traço assim é muito mais decisivo do que se supõe porque marca o vigor e o veio de frescura de que necessitam os autênticos criadores para não se repetirem até à morte.

«A Arte pela Arte, o divertimento de um artista solitário, é bem justamente a arte artificial de uma sociedade fictícia e abstracta», escreveu Camus, grande escritor que, depois do prémio Nobel, passou a ser recuperado pelos seus adversários de ontem. «Qualquer artista dos nossos dias», disse ele, «está embarcado na galé do seu tempo».

Dezoito anos antes, já Redol afirmava simbolicamente o mesmo na portada de *Gaibéus*. A galé do seu e do nosso tempo é esta em que se tem feito a sua peregrinação de romancista felizmente consagrado e, apesar do furor da História, inscrito na Literatura portuguesa para sempre. O roteiro que tem vindo a levantar é um precioso inventário duma época mas é, igualmente, o estímulo exemplar para todos os escritores que tiveram a felicidade, como eu, de o ouvir, de se discutirem com ele e de poderem finalmente vir aqui para lhe dar o abraço de profundo reconhecimento.